



QUI – NOVA ? ! ..

CASA DE MACAU EM PORTUGAL

Boletim informativo ESPECIAL • 20 de Junho de 2022

DIA DA CASA DE MACAU

A Casa de Macau retoma a celebração do “Dia da Casa de Macau”, que se realizará no próximo dia **25 de Junho (Sábado)**, a partir das 17h00. O programa da comemoração será o seguinte:

- ◆ **17h00** – Chegada dos participantes.
- ◆ **17h15** – Missa campal celebrada pelo Sr. Padre Emídio.
- ◆ **18h00** – Chá-Gordo.
- ◆ **19h00** – Tributo ao “*Patuá Maquista*” e “*Cantar de Amigos*”.
- ◆ **19h30** – Sorteio de rifas.
- ◆ **20h00** – Encerramento da festa.

Os preços de inscrição são de **€12,00**, para sócios com as quotas pagas até 15/06/2022, respectivos cônjuges e filhos a cargo (estudantes até aos 25 anos, inclusive), e de **€20,00** para não sócios.

Crianças até aos 12 anos inclusive, beneficiam do desconto de 50% do valor correspondente. O pagamento deverá ser realizado através de depósito ou transferência para o **IBAN PT50 0035 0125 0000 0500 5306 4 (C.G.D.)**.

ALTERAÇÃO:

As inscrições e comprovativos de pagamento deverão ser comunicados, **impreterivelmente, até 22 de Junho de 2022** à Secretaria da Casa de Macau através do e-mail casademacau@mail.telepac.pt.



MENU (sujeito a alteração)

ENTRADAS
Chilicotes
Miniaturas de crepes, chamuças e salgados
Pastelinhos
Paté de atum
Hóstias de camarão
Ovos recheados
PRATOS
Ló Pak Kóu
Minchi
Bacalhau tchatini / Bacalhau maquista / Bacalhau dourado
Caril de peixe e gambas
Massa de arroz à Singapura
Caril de vaca à Macau (Ká Lei Ngao Pák Nam)
Legumes salteados
Arroz branco
SOBREMESAS
Genetes
Genetes de queijo
Cake
Arroz-doce Macaense
Cha-Cha
Bolo menino
Tai chói kóu de cacau
Bolinhos de côco
Biscoitos de manteiga
Gelatina agar-agar com frutas tropicais
Pudim de ovos
Fruta fatiada
BEBIDAS
Vinhos, refrescos, chás, cafés, etc

QUI – NOVA ? ! ...

Por ocasião das comemorações do Dia da Casa de Macau, a Casa de Macau em Portugal tem a honra de publicar um texto extraído do livro “A Maior Derrota dos Holandeses no Oriente”, da autoria de Manuel V. Basílio.

“A MAIOR DERROTA DOS HOLANDESES NO ORIENTE”

O livro foi escrito para recordar a **Batalha de Macau** e é dedicado, como consta do preâmbulo,

À MEMÓRIA DE

*todos aqueles portugueses,
moradores, filhos da terra e “moços” que,
há QUATROCENTOS ANOS,
valentemente defenderam a Cidade de Macau
contra a invasão dos holandeses,
tendo, naquele memorável dia
24 de Junho de 1622,
infligido aos holandeses
a maior derrota que sofreram no Oriente.*

OS PRIMEIROS ATAQUES DOS HOLANDESES NO EXTREMO ORIENTE

Em 1601, os holandeses apareceram, pela primeira vez, ao largo de Macau, numa frota comandada pelo almirante *Jacob Cornelius van Neck*. Para fazerem o reconhecimento de Macau, enviaram um barco com vários membros da tripulação, mas os portugueses, quando os viram, atacaram-nos e, segundo consta, vinte deles foram capturados, tendo dezoito sido enforcados e dois enviados para Goa. Este incidente, porém, não impediu o regresso dos holandeses em 1603 e, dessa vez, dois dos seus navios abriram fogo sobre Macau e saquearam e incendiaram uma nau.

No ano seguinte, um enviado holandês tentou estabelecer comércio com a China, mas por causa da influência portuguesa junto das autoridades chinesas, essa tentativa foi abortada, de forma que o almirante *Wybrand van Warwijck* partiu, naquele ano, com a sua frota, a fim de atacar Macau. No entanto, não conseguiu concretizar o seu intento, devido à ocorrência de um tufão, que impediu a continuação da sua viagem, tendo a sua frota sido atirada para as Ilhas Pescadores e dali fugiu, quando as autoridades chinesas enviaram cinquenta juncos para cercarem a frota.

Os holandeses não constituíam a única ameaça, pois havia aventureiros britânicos que também queriam apoderar-se de Macau. Os holandeses dispunham então de uma força muito superior e, por conseguinte, começaram a planear a melhor forma para assumirem o controlo de Macau, dado que tinham conhecimento de que Macau sempre foi um local aberto e sem guarnição militar apropriada. Nessas circunstâncias, consideraram que a cidade poderia ser facilmente tomada por uma força de cerca de mil homens.

As movimentações da frota holandesa ao largo da costa de Macau em 1601 foram um preocupante sinal de alerta, tanto para a população, como para os jesuítas, que foram os primeiros religiosos a virem para Macau pouco depois do estabelecimento dos portugueses e aqui fundaram o Colégio de S. Paulo, com a missão de formar missionários para a evangelização no Oriente, sobretudo na China e no Japão.

Efectivamente, em princípios do século XVII, barcos holandeses já navegavam em mares da China, havendo notícias de holandeses terem tomado de assalto naus de portugueses carregadas de mercadorias que partiram de Macau para Malaca e para o Japão.

QUI – NOVA ? ! ...



Placa afixada no troço da muralha de chunambo, dentro do Colégio Mateus Ricci, na Travessa de S. Paulo, nº 1-A, com a seguinte descrição: **muralha que cercava a propriedade dos jesuítas - 1606** – Foto MV Basílio, em 2021

Por conseguinte, as primeiras ameaças dos holandeses para tomar a Cidade de Macau foram sobretudo em 1603 e 1604. Foi então que os jesuítas sentiram a necessidade de proteger as suas propriedades à volta do Colégio, bem como a nova igreja de S. Paulo, que tinha sido inaugurada na noite de 24 de Dezembro de 1603.



Troço da muralha que cercava a propriedade dos jesuítas, visto num outro ângulo. Foto MV Basílio, em 2021

Construiu-se, então, uma cerca muralhada para proteger aquelas propriedades dos jesuítas e também para albergar os desprotegidos habitantes, nomeadamente mulheres e seus filhos, em caso de um ataque à cidade, visto não haver fortificações. Aquela cerca, construída por jesuítas, ficou concluída em 1606 e o material utilizado era uma amálgama de areia, argila, cal de ostra, pedra e terra, etc., designada por *chunambo*, e cujo processo de construção consistia em camadas horizontais daquela amálgama, muito apertadas umas sobre as outras.

Em 1607, houve uma nova tentativa dos holandeses, liderada pelo almirante *Cornelis Matelieff de Jonge*, para tomar a Cidade, mas sem sucesso, tendo sido atacados por seis navios portugueses, que os puseram em fuga.

A TRÉGUA QUE BENEFICIOU MACAU

Seguidamente, houve um período de acalmia, em virtude da chamada **Trégua dos Doze Anos**, firmada em 1609, entre a Espanha e as Províncias Unidas (lideradas pela Holanda e Zelândia). Macau beneficiou daquela trégua, mas não ficou totalmente livre de um futuro ataque dos holandeses. Assim, terminada a trégua em 1621, as Províncias Unidas retomaram a guerra contra a Espanha, e não só, pois, logo no ano seguinte, os holandeses voltaram com uma poderosa esquadra para invadir a Cidade de Macau.

Sendo os holandeses protestantes, seguidores do Calvinismo, os jesuítas previram desde cedo o perigo de um ataque desses anticatólicos, e caso a Cidade de Macau fosse tomada por eles, os portugueses perderiam todo o comércio e os religiosos ficariam privados da sua missão de evangelização no Oriente. Por isso, os jesuítas estavam determinados em edificar algumas fortificações, designadamente um forte, no cimo de uma colina, para a defesa da Cidade, embora com objecções por parte das autoridades chinesas, que duvidavam das verdadeiras intenções de uma obra de grande envergadura. Mesmo assim, a construção da fortaleza na colina de S. Paulo do Monte teria sido iniciada por volta de 1616, sob a direcção dos jesuítas, cuja obra foi tolerada pelas autoridades chinesas, provavelmente por serem membro da Companhia de Jesus, com alguma influência na corte de Pequim, devido à reputação do jesuíta *Matteo Ricci* ou, então, mediante condições que foram estipuladas, depois de três dos principais

QUI – NOVA ? ! ...

moradores de Macau terem ido a Cantão em 1612, com o propósito de exporem a necessidade de fortificar a Cidade.

Na sequência daquela visita a Cantão, construíram, a partir do ano de 1613, três baluartes ou fortins em pontos estratégicos: um, em Santiago da Barra; outro, em S. Francisco; e, um terceiro, em Bom Parto, para a defesa costeira, em caso de um ataque do inimigo.

A COBIÇA DOS HOLANDESES POR MACAU

A Companhia Holandesa das Índias Orientais, em poucos anos após a sua fundação, tornou-se muito poderosa, devido à armada que foi criando, tendo conseguido, através de assaltos e conquistas às possessões portuguesas, instalar-se em vários pontos do Índico, com o objectivo de monopolizar os interesses e as rotas que estavam nas mãos dos portugueses.

Naquela época da dinastia *Ming* (明朝), que governou a China até 1644, o comércio directo com o Japão era proibido, devido aos temíveis *wokou* (倭寇, em cantonense, lê-se *wó k'âu* e, em japonês, *wakō*) que eram piratas ou contrabandistas japoneses, que pilhavam e traficavam na costa marítima chinesa. Esta situação beneficiou os portugueses, que utilizaram o porto de Macau para actuarem como intermediários do comércio sino-japonês, ficando com a exploração de uma importante e muito lucrativa rota comercial entre Macau e Nagasáqui, no Japão.

Para poderem comercializar com os japoneses, os holandeses conseguiram criar, em 1609, um posto comercial em Hirado como base de operações da Companhia Holandesa das Índias Orientais no Japão. Apesar disso, em breve verificaram que tal posto era de pouca rentabilidade, comparado com o de Nagasáqui, visto que os portugueses facilmente obtinham a seda crua e outros produtos chineses do mercado de Cantão, enquanto que os holandeses e ingleses dependiam da captura dos carregamentos a bordo de embarcações chinesas e portuguesas.



Biombo representando a nau do trato (ou nau preta) dos *namban jin* (os bárbaros do sul, como eram designados os portugueses) na viagem ao porto de Nagasáqui, Japão.

Deste modo, explorando os portugueses um negócio altamente rentável, esta situação despertou a cobiça dos holandeses e, para retirar tal rota comercial dos portugueses, teriam de se instalar na China e só assim é que poderiam ter uma base comercial que lhes permitisse o fácil acesso aos mercados chineses para obterem a seda e outros produtos. Por conseguinte, o grande alvo dos holandeses era a conquista da Cidade de Macau.

OS HOLANDESES TENTARAM NOVAMENTE TOMAR A CIDADE DE MACAU

O receio dos moradores de Macau de que os holandeses tentariam, mais cedo ou mais tarde, apoderar-se da Cidade nunca foi posto de parte e tal receio veio a confirmar-se quando, no dia 22 de Junho de 1622, apareceu ao largo de Macau, uma poderosa frota holandesa de 14 navios, a que se juntaram 2 embarcações inglesas. A frota inicial, composta por 8 naus, tinha partido, em 10 de Abril de 1622, de Batávia (actual Jacarta), onde a Companhia Holandesa das Índias Orientais tinha a sua sede, com o fim de efectuar o planeado ataque, sob o comando do almirante *Cornelius Reijersen*.

QUI – NOVA ? ! ...

Faziam parte da frota inicial as seguintes 8 naus:

- *Zierickzee*, a nau capitânia do almirante Cornelius Reijersen;
- *Groeningen*, a cargo do capitão Willem Bontekoe;
- *Oudt Delft*, a cargo do capitão Willem Andriessen;
- *Enchuizen*, a cargo do capitão D. Pietersen;
- *Gallias*, a cargo do capitão D. Floris;
- *Engelsche Beer*, a cargo do capitão L. Nanning;
- *St. Nicholas*, a cargo do capitão J. Constant;
- *Paliacatta*, a cargo do capitão J. Jacobsen.

Entretanto, o almirante *Reijersen* tinha ordens para que qualquer embarcação holandesa encontrada durante a viagem fosse incorporada na sua frota, destinada à invasão. Deste modo, as naus *Haan*, *Tiger*, *Victoria*, *Santa Cruz*, *Trouw* e *Hoop* juntaram-se à frota inicial, ficando, assim, a frota de invasão holandesa composta por 14 naus e embarcações, com uma força de 1.300 homens, incluindo a força de desembarque de 800.

Conforme instruções do almirante *Reijersen*, as duas embarcações inglesas - *Palsgrave* e *Bull*, que acompanharam a frota holandesa, apenas podiam tomar parte em operações marítimas, estando as suas tripulações impedidas de participar no desembarque ou receber qualquer parte dos espólios de guerra. Por esse motivo, os capitães ingleses recusaram-se a comprometer as suas embarcações no ataque.

PREPARATIVOS DOS HOLANDESES PARA A INVASÃO E TOMADA DA CIDADE DE MACAU

Consta que, na noite de 22 de Junho, o almirante *Reijersen* enviou três homens, acompanhados de um guia chinês, para fazerem o reconhecimento das imediações da Cidade de Macau e para certificarem se os chineses que residiam no bairro chinês se mantinham neutros, em caso de um ataque dos holandeses. O grupo de reconhecimento regressou após descobrir que praticamente todos chineses tinham fugido, assim que pressentiram que a Cidade iria ser invadida. Nestas circunstâncias, na manhã seguinte, o almirante *Reijersen* embarcou numa lancha com alguns oficiais para fazer o reconhecimento do local mais apropriado para o desembarque das suas tropas.

No dia 23 de Junho, três das naus - *Groeningen*, *Gallias* e *Engelsche Beer*, surgiram ao largo do baluarte de São Francisco e dispararam fortemente contra aquela fortificação durante toda a tarde. Os artilheiros portugueses ripostaram igualmente com intensidade e esta demonstração de força, com tiros de artilharia de ambos os lados, durou até quando aquelas três naus se retiraram ao pôr-do-sol.

Lopo Sarmiento de Carvalho, o Capitão-mor da Viagem do Japão, encontrava-se então em Macau, a aguardar a época em que seguiria viagem para o Japão. Estando ele, como Capitão-mor, encarregado da defesa durante a sua permanência na Cidade, por não existir naquela altura o cargo Governador, ao ver as movimentações da frota inimiga, tinha plena consciência de que os holandeses desembarcariam no dia seguinte, pelo que passou a noite a inspeccionar as fortificações e a reunir os seus homens para se prepararem para a luta até ao fim.

No dia 24 de Junho, ao romper do dia, com o propósito de desviar a atenção do local escolhido para o desembarque, as naus holandesas *Groeningen* e *Gallias* começaram a bombardear o baluarte de São Francisco. A guarnição do baluarte rapidamente ripostou e, após sucessivas trocas de tiros, os canhões portugueses foram mais eficazes e certos, tendo causado graves danos à nau *Gallias*, que foi atingida com mais de 20 tiros e ficou praticamente inutilizada para o combate.

QUI – NOVA ? ! ...

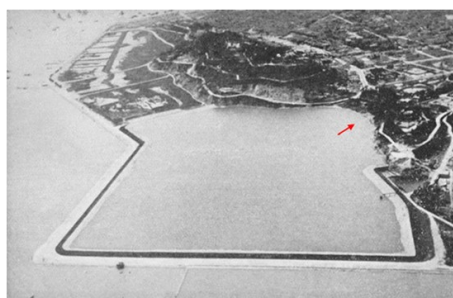


Gravura de *Joan Nieuhof*, de 1665, reproduzindo, de forma fantasiada, o ataque dos holandeses à Cidade de Macau.

ATAQUE DOS INVASORES

O local escolhido para desembarque de 800 soldados holandeses foi a praia de Cacilhas, o qual se deu pela manhã do dia 24 de Junho, cerca de duas horas após o nascer do sol, visto que naquele local e arredores não havia qualquer tipo de protecção ou fortificação, bastando atravessar uma zona quase plana do campo, junto de umas hortas, para se chegar à cidade.

Os invasores embarcaram em trinta e duas lanchas, que os levaram até à praia e, enquanto avançavam em direcção ao local do desembarque, foram protegidos pelo fogo de canhões de duas naus holandesas.



Localização da praia de Cacilhas (assinalada com uma seta). Esta praia foi extinta devido à construção do paredão para o Reservatório de Água. Na foto, vêem-se os primeiros aterros do Porto Exterior, que se fizeram a partir do sopé da colina da Guia, bem como o Reservatório de Água, inaugurado em 1936. Junto ao paredão contornava a então Avenida do Doutor Oliveira Salazar (actualmente, Avenida da Amizade)

Os atacantes conseguiram rapidamente chegar à praia e, em seguida, queimaram um barril de pólvora molhada, fazendo assim uma cortina de fumo, a fim de facilitar o desembarque dos soldados holandeses.

Este ataque dos holandeses ocorreu numa altura em que a maioria dos moradores se encontrava fora de Macau, porquanto era a época das compras em Cantão para a viagem anual ao Japão, restando, assim, pouco mais de duas centenas de homens capazes de pegarem em armas para combater, os quais incluíam mosqueteiros, moradores da Cidade, frades dominicanos, jesuítas e escravos.

Antes do amanhecer do dia 24 de Junho, uns homens liderados por António Rodrigues Cavalinho juntaram-se a um grupo de moradores, constituído por portugueses e filhos da terra, e foram todos entrincheirar-se num banco de areia, com o fim de tentar dar alguma resistência inicial, fazendo disparos a tiro de mosquete para a cortina de fumo.

Apesar da poderosa força militar dos holandeses, o grupo de moradores, que procurava defender a Cidade naquele banco de areia junto da praia de Cacilhas, foi favorecido pela sorte, pois logo no início do combate, o almirante *Reijersen* foi atingido no ventre por um tiro de mosquete, disparado ao acaso contra a cortina de fumaça, e caiu ferido, tendo sido imediatamente retirado e levado para a sua nau.

As tropas holandesas desembarcaram, sem mais incidentes, com os seus petrechos de guerra, às quais se juntaram mercenários de diferentes nacionalidades, incluindo japoneses e bandaneses.

Estando o almirante *Reijersen* fora do combate, o veterano capitão *Hans Ruffijn* assumiu o comando da força de desembarque, tendo, de imediato, organizado duas companhias de retaguarda para ficarem

QUI – NOVA ? ! ...

estacionadas na praia de Cacilhas, destinadas a cobrir a retirada do corpo principal, caso o ataque à Cidade não tivesse êxito. Feito isso, *Hans Ruffijn* deu início à marcha, avançando com seiscentos homens em direcção à Cidade.

Entretanto, não sendo possível deter a fúria do inimigo, pois os defensores estavam em inferioridade numérica, António Cavalinho deu ordem de retirada e, enquanto se retiravam, viravam-se, de vez em quando, para disparar, com o objectivo de causar alguma confusão ao inimigo.

Retrocederam até onde havia uns penhascos na encosta da colina da Guia e puseram-se então de emboscada por cima de uma zona descoberta por onde os invasores teriam de passar para chegarem à Cidade.

Os comandantes dos baluartes de S. Francisco e de Bom Parto, ao tomarem conhecimento do ataque dos holandeses por terra, solicitaram ao de São Tiago o envio de reforços, tendo sido despachados, de imediato, 50 mosqueteiros sob as ordens do capitão João Soares Vivas, para fazerem frente ao avanço dos inimigos, enquanto que o Capitão-mor da Viagem do Japão, Lopo Sarmento de Carvalho, mais um punhado de homens, guardava a via de acesso à Cidade, visto que naquele sítio não havia sequer muralha ou porta da Cidade, a não ser um bambual, que existia ali próximo.

Perante este cenário, o exército holandês, enquanto marchava em direcção à Cidade, a dada altura, estava surpreendido por não ver gente, nem mesmo resistência à sua frente, desconfiando, assim, que alguma emboscada estava a ser montada, provavelmente atrás de um bambual ou de alguns penhascos. Sem oposição, o exército holandês foi acelerando a marcha ao ritmo de tambores, animado com gritos e cânticos, mas assim que chegou ao sítio conhecido por *Fontinha* (que, depois, passou a ser conhecido por Campo da Vitória), ocorreu o momento decisivo do ataque inimigo. Foi então que o Pe. Jerónimo Rho (ou Giacomo Rho), um italiano e grande matemático jesuíta (também conhecido pelo nome de *Luo Yagu* 羅雅谷, em chinês), vendo que as tropas holandesas tinham chegado àquele sítio, já dentro do alcance do tiro de canhão, disparou do cimo da Fortaleza de S. Paulo do Monte, ainda em construção, alguns tiros, um dos quais atingiu em cheio um vagão carregado de barris de pólvora, causando logo uma enorme explosão no meio do exército holandês, matando mais de uma centena de soldados e ferindo outros tantos. Foi um golpe fatal, que liquidou todas as esperanças dos holandeses e, se tal não tivesse acontecido, o resultado da batalha poderia ter sido catastrófico para as gentes de Macau.

O exército inimigo ficou completamente desorientado, devido ao pavor causado pela explosão. O capitão *Hans Ruffijn* ainda exortou os seus compatriotas a resistirem, mas ele, pouco depois, foi atingido por um tiro e caiu morto. Perante esta situação, as tropas holandesas, desnorteadas e apavoradas, iniciaram a debandada, visto que estavam sem comando e, sobretudo, já não estavam em condições de continuar o combate devido à escassez de pólvora. Houve até mercenários que desertaram, um dos quais, um japonês, informou os portugueses de que os invasores estavam mesmo em desespero, por falta de munições para combater.

Vendo-os em pânico, Lopo Sarmento de Carvalho fez sinal para o contra-ataque e, de imediato, as tropas portuguesas, moradores, filhos da terra e escravos negros, que estavam a defender a Cidade, aos gritos de guerra e fazendo grande alarido, lançaram-se ao contra-ataque. Contaram que apareceram uns *escravos negros bêbados*, que não poupando nenhum inimigo em fuga, iam decapitando todos os que encontravam à frente deles.

A debandada foi geral. Entretanto, houve um grupo de invasores que ainda tentou subir à árida e rochosa colina da Guia, mas foi repellido por Rodrigo Ferreira e seus subordinados, que ali defendiam o acesso à ermida e, por conseguinte, teve de retroceder e fugir o mais rapidamente possível em direcção à praia de Cacilhas, onde as naus holandesas estavam ancoradas ao largo.

Enquanto os holandeses retrocediam, fugindo em direcção à praia, as duas companhias de retaguarda, que deveriam proteger a retirada dos seus companheiros, fugiram em pânico para as naus sem disparar um tiro. Os que alcançaram a praia, fugiram em botes, um dos quais, muito superlotado, se afundou, enquanto que vários outros fugitivos, quando tentavam chegar às naus a nado, morreram afogados.

QUI – NOVA ? ! ...

Aqueles que não conseguiram escapar, renderam-se, ficando prisioneiros juntamente com os que estavam feridos. Em terra, deixaram espalhados centenas de holandeses e mercenários mortos em combate, juntamente com bandeiras, tambores, uma peça de campanha, alabardas, espadas e mosquetes.

Os holandeses sofreram, portanto, nessa batalha a sua maior derrota em confrontos com os portugueses no Oriente. Segundo uma estimativa mais fiável, o número de mortos teria sido por volta de trezentos, incluindo bandaneses e japoneses.

Em contrapartida, as mortes do nosso lado totalizaram quatro portugueses, dois espanhóis e alguns escravos, tendo cerca de vinte ficado feridos.

Contaram que, na manhã seguinte à derrota, o almirante *Reijersen* ainda tentou negociar o resgate dos prisioneiros, mas sem sucesso. Deste modo, a frota holandesa afastou-se da costa e seguiu depois em direcção às Ilhas Pescadores, um arquipélago situado no Estreito da Formosa (Taiwan). Essas ilhas já eram frequentadas por naus holandesas onde, de quando em quando, lá aportavam, para atacarem as embarcações que por lá passavam e, também, para pressionarem as autoridades chinesas a conceder uma autorização que lhes permitisse o comércio com a China.

Sabe-se que *Jan Pieterszoon Coen*, quando recebeu a notícia da derrota, ficou irritado e extremamente amargurado com o resultado da batalha, tendo referido que "*desta maneira vergonhosa, perdemos a maioria de nossos melhores homens, juntamente com a maior parte das armas*", porquanto, entre os oficiais holandeses, 7 capitães, 4 tenentes, 7 alferes e 7 sargentos morreram na batalha.

A VALENTIA DOS MOÇOS

Apesar de terem dado enorme realce às tropas portuguesas, que estavam em inferioridade numérica, na vitoriosa batalha contra os holandeses, merece também destacar o contributo prestado por “moços”, ou seja, os escravos, sobretudo escravos negros, que demonstraram grande bravura no combate, tendo corajosamente ido no encalço dos holandeses, matando e decapitando todos os que foram apanhados. Pelo contributo, bravura e coragem daqueles “moços”, muitos deles foram recompensados pelos seus donos, que lhes concederam alforria logo após a vitória, tornando-se, assim, homens livres.

Foram então contadas tantas histórias sobre a actuação e a bravura dos negros que o *Haitao* (海道副使), Subintendente da Defesa Costeira, muito impressionado com aquelas histórias que se espalharam de boca em boca, mandou logo oferecer 200 picos [8] de arroz, para serem distribuídos entre eles, como recompensa pelo contributo que deram na defesa do território chinês.

O PRIMEIRO PADROEIRO DA CIDADE

A vitória sobre os holandeses foi para Macau um milagre, tendo a salvação desta Cidade sido atribuída a São João Baptista, visto que a batalha se deu em 24 de Junho, dia em que é celebrada a festa deste Santo.

Terminada a batalha, os vitoriosos portugueses e muitos moradores foram à Sé Catedral dar graças pela vitória, tendo o Senado prometido, dali em diante, igual comemoração na véspera da festa de São João Baptista. Dado que o povo acreditou que a vitória alcançada se deveu à miraculosa intervenção de São João Baptista, foi este Santo proclamado **Padroeiro da Cidade**, passando o dia 24 de Junho a ser o *Dia da Vitória* e, mais tarde, designado **DIA DA CIDADE**.



“Venha saborear a verdadeira comida chinesa típica de Cantão”

LOJA 1 Dim Sum Cantonês

Rua Coro de Santo Amaro de Oeiras, 8D - Oeiras

(ao lado do Oeiras Parque, Edif. Holmes Place)

Tel.: 219 135 848 / Tlm.: 968 012 330

NOVA LOJA NO CENTRO COMERCIAL DE OEIRAS PARQUE, LOJA 3025:

LOJA 2 Dim Sum Cantonês .

Desconto de 10% para os associados da CM.